

A questão social é um problema de toda a humanidade **Rudolf Steiner**

GA 193*, segunda conferência, Berna, 8 de fevereiro de 1919

Tradução: Salvador Pane Baruja, 10/12/2021

Uso particular e sem fins lucrativos

As conferências públicas¹ dos últimos dias trataram o problema social, as exigências sociais, da atualidade, não somente como se mostra pela observação pensante, mas, eu diria, também pela maneira em que realmente se apresentam nos fatos, nos eventos, da presente vida do dia a dia.

Todos os temas que se relacionam à vida do ser humano, e cuja observação é uma necessidade no mais amplo sentido e em todas as áreas, podem ser aprofundados por quem possui uma orientação antropológica. Ao sentir-nos membros do movimento antropológico, não devemos nunca esquecer que o nosso mais íntimo sentimento precisa incluir a observação do mundo de tal maneira que suas aparências exteriores sejam permeadas pelo conhecimento que adquirimos do mundo espiritual. É assim que captamos a verdadeira face da realidade, pois estamos em condições de conseguir pensar que nela está disseminada a espiritualidade, aquela entidade que inicialmente se oculta no mundo físico da Terra, mas que, realmente, também vive aqui.

A última vez que tive a oportunidade estar aqui com os senhores apresentei um esboço dos impulsos sociais da vida humana, do ponto de vista da Ciência Espiritual antropológica.² Naquela ocasião, já tentamos observar o ser humano como uma entidade social, uma entidade com impulsos sociais e antisociais. Não devemos esquecer de maneira alguma que, enquanto seres humanos na Terra, a ela trazemos os resultados, os efeitos, daquilo que desenvolvemos durante o tempo entre a morte e um novo nascimento. Em cada uma de nossas vidas terrenas trazemos os resultados da nossa última vida espiritual, da nossa presença no mundo puramente supra-sensorial. Somente contemplamos integralmente nossa vida terrena quando também consideramos que, aquilo que ocorre entre os seres humanos, inclui algo dos efeitos da vida no mundo espiritual, do qual nos separamos através do nascimento, mas cujos vestígios, cuja força, trazemos à Terra.

De um lado, é justamente isso o que inicialmente para nós seres humanos se destaca daquilo que passa do mundo espiritual para o físico. Por outro lado, devemos considerar que a vida que levamos aqui na Terra tem aspectos que, em boa parte, fogem à nossa consciência e que, justamente esses acontecimentos que permanecem inconscientes durante o nascimento e a morte são os mais importantes que levamos para o mundo espiritual e vivenciamos após atravessar o limiar da morte. Durante a vida na Terra, acontecem situações que aqui não têm importância, mas que constituem pré-condições para a vida pós-morte, se os senhores permitem o uso da expressão “vida pós-morte” em oposição a “vida pré-natal”.

A observação feita na conferência pública de ontem adquire esse conteúdo com toda clareza quando se tenta entendê-la a partir da luz que vem do mundo espiritual. É a partir dessa direção que hoje gostaria de aprofundar antropológicamente um tema muito atual. Gostaria de abordar a questão social como um tema de toda a humanidade. Só que, para nós, toda a humanidade não é apenas a soma das almas que, num momento determinado, vivem socialmente na Terra, mas inclui aquelas almas que, durante um certo tempo, se encontram no mundo espiritual, estão unidas por meio de laços espirituais aos seres humanos e, assim, pertencem ao conjunto da humanidade. Observemos, inicialmente, aquilo que, do ponto de vista da Terra, denominamos a vida espiritual humana.

Do ponto de vista da Terra, a vida espiritual humana não é a vida dos seres espirituais, mas aquilo que os seres humanos experimentam como vida espiritual no conjunto da sociedade. Ela inclui principalmente tudo aquilo que tem a ver com a ciência, a arte e a religião. E também o que vem a ser a escola, a educação. Inicialmente, queremos comentar aquilo que as pessoas vivenciam

1 GA 326 A questão social. Conferências de 6 e 7 de fevereiro de 1919.

2 GA 186 Caminhos para um novo estilo arquitetônico. “E a arquitetura se torna humana”. Conferência de 12 de dezembro de 1918.

conjuntamente na sociedade como a vida espiritual cultural. Conforme disse na palestra de ontem, a escola, a educação, a vida nas suas facetas científica, artística, literária, tudo isso constitui uma formação social em si e separada de outras. Ela só pode ser esclarecida para o mundo exterior a partir daquilo que esse mundo aceita. Fica bem claro que o senso comum deve ser suficiente para entender completamente tudo isso. Só que observar concretamente essa formação será possível em especial para quem aceita a observação antropológica do mundo. Ela joga uma luz muito particular naquilo que é chamado de vida espiritual na Terra.

Através do desenvolvimento moderno, essa vida espiritual foi reduzida, nas áreas que citei, a uma mera ideologia por influência da burguesia e da intelectualidade burguesa e, assim, o proletariado a incluiu como ideologia na sua própria visão de mundo, que simplesmente emana da vida econômica. A visão de mundo do proletariado propõe que toda convicção e todo pensamento religiosos, toda obra artística, toda visão jurídica e moral, tudo isso é a superestrutura, uma espécie de fumaça espiritual que se levanta da única verdadeira realidade, a realidade econômica. Assim, a vida espiritual na Terra passou a ser ideologia, aquilo que é meramente pensado. Para quem conhece a fonte da qual emana a Ciência espiritual de orientação antropológica, porém, sabe que tudo aquilo que inclui a vida espiritual humana é uma dádiva dos seres espirituais. Ela não se eleva das profundezas da vida econômica, mas desce da vida das hierarquias espirituais. Essa é a diferença radical entre a visão burguesa do mundo, herdada pelo proletariado (o que se desenvolveu no mundo a partir dos séculos XV e XVI considera que o mundo espiritual é uma ideologia, um vapor que sobe da harmonia e desarmonia da economia) e a única visão de mundo que traz a salvação ao atual caos e flui da verdadeira vida espiritual, à qual nós pertecemos, no mundo físico-material, do qual também fazemos parte através dos órgãos sensoriais e da razão. Porém, no atual quinto período pós-atlântico, nós como seres sociais só encontramos essa vida espiritual no organismo social na medida em que somos preparados antes do nascimento pelas relações com seres espirituais para descer à Terra, como tenho repetidamente comentado. É isso que se revela à pesquisa espiritual como um importante fato da vida.

Por meio do nascimento, chegamos à Terra, onde entramos em contato com os seres humanos de duas maneiras. Vamos distinguir claramente entre essas duas formas de relacionamentos entre os seres humanos. Um tipo de relacionamento é o de caráter cármico. Entramos em contato com uma ou outra pessoa, em pequeno ou grandes grupos, devido a relações cármicas. Através do nascimento, passamos a pertencer a uma família. Estabelecemos conexões cármicas com o pai, com a mãe, com os irmãos e com outros membros da família. No contato individual, vivenciamos relações cármicas de pessoa para pessoa. Como surge o carma? Como são geradas as relações cármicas? Elas surgem como resultado da sua preparação por meio deste ou daquele fato concreto da vida anterior à da Terra. Portanto, prestem atenção: na medida em que assumem uma existência por meio do nascimento, os senhores entram em contato cármico como ser humano individual com um outro ser humano, conforme o que os senhores viveram com essas pessoas em vidas passadas. Essa é uma maneira como os senhores entram em contato com outras pessoas – cármicamente.

Existem outras formas de relações entre os seres humanos. Como membros de um povo, os senhores pertencem a um coletivo de seres humanos, com os quais não se relacionam cármicamente, diferentemente do que acabei de explicar. Os senhores nascem no meio de um povo, assim como num determinado território. Isso é, por uma parte, resultado do carma, mas, ao mesmo tempo, passam a participar de um organismo social de pessoas sem conexões cármicas. Numa comunidade religiosa, os senhores poderão ter os mesmos sentimentos religiosos com outras pessoas, mas sem ligação cármica entre os membros. A vida espiritual humana gera as mais variadas conexões comunitárias e sociais, sem que necessariamente todas sejam baseadas em carma. Nem todas essas relações serão preparadas em vidas anteriores, pois algumas ocorrem durante o tempo que transcorre entre a morte e um novo nascimento. Aproximadamente na metade da vida entre a morte e um novo nascimento, os senhores entram em contato com hierarquias muito

elevadas, cuja forças influenciarão os senhores para se unirem a determinados grupos humanos. Tudo aquilo que os senhores vivenciam como vida espiritual, por exemplo na religião, na arte, nas relações étnicas, nas comunidades linguísticas, em bem determinadas instituições educacionais, tudo isso é preparado na vida anterior, fora das correntes exclusivamente cármicas. Os senhores trazem para a vida física-material tudo aquilo que viveram na vida pré-natal. O que foi vivido no período anterior ao nascimento se espelha, de maneira muito diferente, naquilo que constitui a vida espiritual, a vida cultural, na Terra.

Para quem leva bem a sério um fato desses do mundo espiritual, surge a questão: como é realmente possível fazer justiça a essa vida espiritual na Terra, quando se sabe que ela é uma imagem da verdadeira, concreta, vida espiritual, já vivida antes do nascimento? Será feita justiça a essa vida espiritual na Terra na medida em que ela não for vista como mera ideologia, pois sabe-se que nela vive o mundo espiritual. Adotamos a posição certa na vida espiritual na Terra quando adquirimos a consciência de que nela encontramos as forças ativas do próprio mundo espiritual. Imaginemos a hipótese de que, aquilo que as entidades pertencentes ao mundo espiritual pensam – sejam as entidades superiores, que nunca assumem uma forma corpórea, sejam aqueles seres humanos, que ainda não passaram pelo limiar do nascimento para viver na Terra – aquilo vive; as suas vivências anímicas vivem no mundo cultural da Terra numa espécie de imagem parecida ao sonho humano. É por isso que, toda vez que se apresenta um fato da vida cultural, religiosa, educativa, podemos perguntar com todo direito: o que vive nesse fato? Isto não se refere a querer saber aquilo que tem a ver com o que os seres humanos fazem na Terra, mas com o que flui das forças, dos pensamentos, dos impulsos, da vida anímica das hierarquias superiores e vive nesses fatos. Nunca veremos o mundo integralmente, enquanto negarmos esses pensamentos dos seres espirituais que se refletem na nossa vida espiritual na Terra, de seres que não se encarnam, porque não se encarnam de jeito nenhum ou porque justamente neste momento não se encarnam. Eu diria que, se pudermos anímicamente apropriar-nos dessa visão santa do mundo espiritual ao nosso redor, se pudermos captar que esse mundo espiritual é o que os próprios seres espirituais nos presenteiam e assim estão ao nosso redor, então poderemos ser corretamente gratos pelo presente do mundo espiritual, que sentimos como o mundo cultural espiritual aqui na Terra. Assim, esse mundo espiritual cultural se apresenta como uma formação necessariamente autônoma no conjunto da estrutura social da humanidade, pois é a ação que continua fluindo na Terra a partir daquilo que colaboramos no mundo espiritual antes do nosso nascimento. Ao iluminar a vida social com a luz do conhecimento espiritual, torna-se evidente que a vida espiritual na Terra é uma formação separada, autônoma, do conjunto.

A segunda área da estrutura social é aquilo que pode ser chamado de o Estado de direito exterior, a vida política em sentido restrito, aquilo que tem a ver com as relações de direito entre as pessoas, onde todos os seres humanos são iguais perante a lei. É a verdadeira vida do estado social organizado. E ela, no fundo, nada mais deve ser do que isso. Certamente que, a partir do mais puro senso comum, pode-se ver a necessidade de essa vida do estado social organizado, essa vida do direito público, que se refere à igualdade dos seres humanos perante a lei, especialmente à igualdade entre os seres humanos, dela ser um membro autônomo do organismo social. Olhando do ponto de vista aguçado pela Ciência Espiritual antroposófica, vê-se algo completamente diferente.

Essa vida que realmente é a vida do estado social organizado dentro do organismo social nada tem a ver com a vida pré-natal nem com a vida pós-morte. Ela é aquilo que só acha sua verdadeira ordem, sua orientação, no mundo, no qual o ser humano vive entre o nascimento e a morte. O Estado só é um todo fechado na sua essência quando não se expande em nada que chegue ao mundo supra-sensível, nem para o lado do nascimento, nem para o lado da morte. “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”.³ Mas deve-se acrescentar: Não dai ao César o que é de Deus, nem a Deus o que é do César, pois ele o rejeitará!

3 Lucas 20:25.

As coisas devem ser claramente separadas, como os membros do organismo biológico do ser humano. Tudo o que a vida do estado social organizado pode abranger, que pode ser discutido politicamente, que se pode pactuar politicamente, tem a ver exclusivamente com a vida comunitária entre os seres humanos. Isso é o essencial. Assim sentiram as pessoas dotadas da mais profunda natureza religiosa de todos os tempos. Já aquelas que não possuíam esse sentimento sequer permitiram que se falasse de maneira aberta, livre e honesta sobre isso. Aquela idéia se consolidou nas pessoas com profunda natureza religiosa e elas diziam que o Estado compreende a vida, na medida em que só tem a ver com o ser humano entre o nascimento e a morte, com a mera existência terrena. É nefasto quando aquilo que se relaciona com a vida terrena quer expandir seu domínio ao supra-sensível, ao extra-terrestre, ao que existe além do nascimento e da morte. Pois além do nascimento e da morte existe a vida espiritual humana, que recebe as sombras das vivências anímicas dos seres supra-sensíveis. Quando aquilo que vivia na mera vida política tentava açambarcar a vida espiritual humana, as pessoas de profundo sentimento religioso diziam que era o poder exercido pelo ilegítimo príncipe deste mundo. Sob a expressão “o ilegítimo príncipe deste mundo” esconde-se aquilo que acabei de sugerir. É por isso que, nos círculos que têm interesse em emaranhar os três membros do organismo social, não se fala do ilegítimo príncipe deste mundo, é até mal-visto fazer essa referência.

Como membro da vida econômica, o ser humano desenvolve qualidades muito diferentes no seu pensar, no seu sentir e nos impulsos anímicos. Isso é algo muito peculiar. Bom, os senhores já estarão acostumados que, às vezes, através da Ciência Espiritual antroposófica chegam inicialmente a manifestações paradoxais. Quando hoje em dia falamos do membro econômico da vida social, deve ficar claro que ele é algo característico da nossa quinta época pós-atlântica. Em tempos anteriores do desenvolvimento da humanidade, a situação era muito diferente. Portanto, o que tenho a dizer tem relação com o presente e o futuro. No passado, o ser humano vivia instintivamente a vida econômica. Agora, ele deve participar cada vez com maior consciência da economia. Assim como a pessoa aprende didaticamente a somar e a exercer outras atividades, assim deverá no futuro aprender didaticamente a desenvolver aquilo que tem a ver com a vida econômica do organismo social. Ela teria que se sentir como um membro do organismo econômico. Certamente que, para algumas pessoas, isso será incômodo, porque alguns pensamentos e sentimentos criados ao longo do tempo serão esgarçados para permitir a realização de profundas mudanças. De fato, quem hoje não souber quanto é três vezes nove, será tido como um ignorante. Em alguns círculos, quem não souber quem foi Leonardo ou Rafael é considerado ignorante. Mas hoje em dia não é tido como ignorante quem não consegue dizer o que é capital, produção, consumo e as relações entre eles, o que é crédito e assim por diante, sem falar que poucas pessoas têm uma clara percepção do que é uma penhora.

Esse conceitos sofrerão mudanças devido às transformações sociais e, no futuro, será mais fácil para as pessoas acharem esclarecimentos a esse respeito. Atualmente, as pessoas ficam desorientadas quando procuram explicações racionais sobre esses temas. Pois, o que seria mais natural do que, quem quiser se informar sobre o que é capital, abrir um livro escrito por um famoso especialista em Macroeconomia? Se atualmente os senhores lerem três livros de Macroeconomia, terão três livros diferentes com três definições diferentes sobre o que é capital. Pensem que opinião mais curiosa os senhores teriam da Geometria se em três livros encontrassem três explicações diferentes sobre o teorema de Pitágoras. A situação hoje é tal que nem as autoridades da Macroeconomia podem explicar esses temas. É por isso que não se pode levar a mal a opinião pública em geral que não tem nenhum interesse em se informar a esse respeito. O ser humano terá de encontrar por conta própria o caminho para ser um membro econômico da estrutura social. E irá se encaixar conscientemente como sujeito na economia da estrutura social. Ele irá aprender a pensar a respeito das relações que mantêm com outras pessoas pelo simples fato de realizar transações econômicas sobre os mais variados objetos num território específico. Nesse modo de pensar que irá se desenvolver flui a totalidade das relações da natureza com o indivíduo e é muito diferente do

pensar que se desenvolve, por exemplo, na vida espiritual humana. Neste mundo da vida espiritual humana, os senhores vivenciam o que os seres espirituais de elevadas hierarquias pensam, e o que os senhores mesmo vivenciaram na vida pré-natal. No pensar que os senhores desenvolvem como membros da luta social na economia, sempre pensa um outro ser humano junto com os senhores, um ser humano mais profundo pensa nos senhores, mesmo que isso pareça paradoxal. Justamente quando os senhores se sentem membros de uma corporação econômica é que um ser humano mais profundo pensa com e nos senhores. São instruídos a incluir fatores da vida externa nos seus pensamentos. Devem pensar, por exemplo, como será o preço de um produto, como se consegue um outro produto e por aí afora. Os pensamentos deslizam rumo a fatores externos, nos seus pensamentos não vive nada espiritual, mas a exterioridade, o material. Exatamente porque a exterioridade, o material, vive nos pensamentos é que os senhores devem presenciar em pensamento aquilo que ocorre na vida econômica e não apenas presenciar instintivamente como os animais, é por isso que um ser humano mais profundo reflete nos senhores sobre essas coisas; ele dá continuidade aos pensamentos e faz com que eles cheguem ao fim, que sejam coerentes. Esse é o ser humano que essencialmente participa em tudo o que os senhores levam para o mundo supra-sensível após a morte. Poderá parecer paradoxal, mas é justamente a reflexão a que o ser humano, por ser incompleto, é obrigado a fazer sobre as coisas materiais deste mundo suscita nele uma outra vida espiritual interior, que leva ao mundo supra-sensível após a morte. Os sentimentos, os impulsos, que desenvolvemos na vida econômica estão ligados à vida pós-morte de uma maneira muito mais profunda do que os seres humanos podem imaginar. Hoje se apresenta paradoxal e curioso, mas o ser humano tem consciência somente porque, no período atávico do desenvolvimento da humanidade, o mundo espiritual penetrou nos instintos humanos que estavam se formando. Quero chamar a atenção do senhores para o seguinte.

Em alguns dos chamados povos primitivos, existem instituições inusitadas. Não devemos cultivar as tolas e insensatas noções que a Antropologia e a Etnologia têm desses povos. Elas afirmam que, por exemplo, os aborígenes da Austrália encontram-se no estágio mais primitivo da humanidade e os povos mais cultivados da atualidade também viveram assim no passado. É uma insensatez! A verdade é que os chamados povos originários caíram na decadência, desceram de um patamar anterior, e preservaram até hoje os tempos passados, que os atualmente chamados povos civilizados mascaram. Por isso, pode-se estudar nos chamados povos originários aquilo que existia de outra forma na época da velha clarividência atávica. Existia, por exemplo, a seguinte instituição: os membros de uma tribo eram divididos em grupos e cada grupo recebia o nome de um animal ou de uma planta, que vivia na região habitada pela tribo. Uma coletividade era dividida em pequenos grupos com nomes diferenciados, por exemplo, as pessoas que integravam o grupo “centeio” eram responsáveis pela cultura desse cereal, que era distribuído para alimentar pessoas de grupos com outros nomes. Estes grupos com outras denominações contavam que receberiam o centeio cultivado pelo grupo com esse nome. Outro grupo, por exemplo chamado de “gado”, tinha como tarefa a criação do gado e a distribuição dos produtos para outros grupos. Nenhuma pessoa de um grupo devia cultivar a planta ou criar o animal de outros grupos, pois era o direito de cada totem, como era chamada essa instituição. Esse era o sentido econômico do totem que dominava em determinada região e constituía também um centro de mistério. Esse culto de mistério não era aquilo que as pessoas hoje imaginam algo de regiões elevadas, mas eram as decisões dos deuses, pesquisadas pelos membros do culto, e que ordenavam a vida de cada pessoa do grupo até nos mais mínimos detalhes. O culto de mistério organizava a tribo conforme os grupos de totens e criava uma organização econômica, além daquilo que se revelava para as pessoas da maneira que o mundo espiritual fora criado e agia na vida espiritual na Terra, o que era adequado para aqueles tempos. Assim como as pessoas cuidavam da vida jurídica, que tem caráter exclusivamente terrenal, também se preparavam aqui na Terra, por meio da ordem econômica, para após a morte entrarem em outro mundo, onde deveriam desenvolver relações que somente poderiam preparar aqui na Terra em contato com seres de outros reinos da natureza. É assim que as pessoas daquelas épocas

aprenderam sob direção dos iniciados a integrar um verdadeiro membro econômico na vida do dia a dia.

Mais tarde, essa instituição tornou-se mais ou menos confusa, embora não seja difícil demonstrar a existência da trimembração instintiva do organismo social na época grega ou até na Idade Média; demonstrar, a partir do ponto de vista aqui apresentado, que encontramos seus rudimentos pelo menos até o século XVIII. Ah, o homem moderno é muito comodista, ele gostaria de demonstrar seus pensamentos da maneira mais superficial possível! Se a vida de épocas passadas fosse estudada como ela realmente foi, e não a partir daquilo que hoje se convencionou chamar de História e nada mais é do que uma *Fable convenue*, então ficaria claro que existia uma trimembração instintiva, tudo fluía a partir do centro espiritual até um membro, o da vida espiritual, e assim se separava da mera vida política.

Já durante o seu apogeu, a igreja católica tornou-se um membro autônomo e organizou outras áreas da vida espiritual terrena, criando escolas, ordenando a educação, fundando as primeiras universidades, tornando a vida espiritual autônoma para que o príncipe ilegítimo deste mundo não ocupasse esse espaço. Mesmo nos últimos tempos, tinha-se pelo menos a impressão de que, quando a fraternidade entre os seres humanos se desenvolvia na vida econômica, preparava-se assim algo que continuava na vida pós-morte. Achar que a fraternidade entre as pessoas seria recompensada na vida pós-morte é uma interpretação egoísta dos elevados ideais que viviam no totemismo, mas é pelo menos um pouco de consciência de que a fraternidade na vida econômica continuava na existência espiritual pós-morte. Mesmo os excessos nesta área devem ser julgados a partir deste ponto de vista. Excessos fazem parte da natureza humana. A venda de indulgências é um dos mais desresgradados excessos nesse campo. Mesmo sendo assim, ela nasceu da consciência de que o sacrifício econômico que o ser humano faça na Terra tem consequências na vida pós-morte. Mesmo sendo uma caricatura daquilo que foi, surgiu como caricatura da visão correta do significado daquilo que vivemos enquanto nos relacionamos com os seres de outros reinos da Terra, o mineral, o vegetal, o animal. Na medida que entramos em contato com outros seres, alcançamos algo que somente irá se desenvolver plenamente na vida após a morte. Enquanto seres humanos na Terra, ainda temos um parentesco com animais, plantas e minerais, se comparado ao que se dá no mundo espiritual, mas justamente essa vivência com o não-humano prepara o que somente após a morte irá crescer no ser humano. Ao virar o pensamento pelo avesso, os senhores poderão captar mais facilmente algo evidente, que aquilo que vivenciamos com animais, plantas e minerais se espalha na Terra e abrange o ser humano, se dissemina como um vento espiritual, como uma atmosfera espiritual que circunda a Terra. Aquilo que os seres humanos vivenciam entre eles, gera apenas algo puramente etérico entre a vida e a morte. O que eles vivem na vida econômica, na vida infra-humana, só se torna humano, é elevado ao humano-terrenal depois que passamos pelo limiar da morte.

Isto deve ser da maior importância e do maior significado para quem se orienta pela Ciência Espiritual antroposófica, para quem busca aprofundar a vida a partir da Ciência Espiritual antroposófica: reconhecer que a trimembração do organismo social simplesmente se baseia na situação concreta de que também o ser humano é um ser trimembrado, devido a que, enquanto criança, cresce no mundo físico e ainda leva em si algo do que vivenciou na vida pré-natal, que carrega consigo algo que somente tem significado entre o nascimento e a morte, e que, de certa forma, sob o manto da vida material convencional já prepara aquilo que novamente tem significado supra-sensível após a morte. O que na vida material se apresenta como o mais baixo, pois a vida econômica parece ser inferior à pública, é paralelamente compensado pelo tempo que ganhamos na vida material como preparação para a pós-morte. Na medida em que a nossa alma participa da vida cultural, da religiosa, da educacional, estamos gastando a herança que trouxemos ao mundo físico-material por meio do nascimento. Enquanto que de certa forma nos rebaixamos participando da vida econômica com pensamentos pouco elevados, somos recompensados pela preparação que ocorre no mais profundo do nosso ser, que é posteriormente elevado ao nível humano. O ser

humano da atualidade acha isso paradoxal, porque gosta de ver as coisas de maneira unilateral e não quer saber que, na vida, cada coisa desenvolve sua essência em duas direções. O que de um lado é superior, é do outro inferior, e o que é inferior aqui é superior lá. Na realidade da vida, cada coisa sempre tem seu outro lado. O ser humano seria mais esclarecido sobre o mundo e sobre si mesmo se tivesse consciência de que cada coisa tem seu oposto. Às vezes, é desagradável ter plena consciência disso, porque nos impõe obrigações na vida. Por exemplo, em certos casos precisamos ser sensatos, mas essa sensatez não podemos desenvolver sem também desenvolver certa tolice. Um lado sempre influi o outro. Não deveríamos nunca considerar que a pessoa que parece absolutamente tola na vida é realmente assim, pois deveríamos estar conscientes de que nessa tolice possivelmente existe uma inteligência que nós não percebemos. A realidade só se apresenta depois que nós fizermos justiça a essa dualidade. E é assim mesmo: a vida espiritual na Terra parece, de um lado, o mais elevado, e, do outro, na verdade é aquilo que nós exaurimos, aquilo que trouxemos para a Terra e do qual nos alimentamos. A vida econômica surge como o mais baixo membro do organismo social porque só mostra o seu mais baixo aspecto durante o nascimento e a morte. Assim, o lado espiritual da vida econômica tem tempo para se desenvolver inconscientemente e que, depois da morte, levamos para o mundo supra-sensorial. O elemento básico do espiritual na vida econômica é o sentimento de solidariedade na fraternidade com outros seres humanos.

A humanidade precisa com urgência compreender essas coisas para poder sair da calamidade gerada justamente porque esses aspectos não são levados em conta. Entre os líderes intelectuais das classes dominantes surgiu algo que não possui a força de penetrar na realidade do dia a dia. Conquistar a compreensão correta dessa situação é especialmente importante para os seres humanos da atualidade. Vejam os senhores, os líderes intelectuais das classes dominantes desenvolveram uma espécie de visão de mundo moral, uma espécie de percepção religiosa. Falei disso dois dias atrás.⁴ Mas eles querem de preferência que essa visão de mundo moral, religiosa, se mantenha como algo unilateralmente idealista. Ela não deve ser a força propulsora na vida do dia a dia. Isso se vê de maneira prática quando os senhores vão todos os domingos ou até com maior frequência às igrejas conhecidas, e ouvem sermões que permanentemente não abordam as mais prioritárias obrigações da nossa época. Fala-se de tudo o que os senhores devem fazer a partir dessa visão de mundo, mas falta o impulso. Depois, os senhores saem da igreja na vida diária e não podem praticar o amor abordado no sermão entre as pessoas. Onde está a ligação entre aquilo que o pregador moral diz e o que domina a vida cotidiana?

Na época do totemismo, era diferente, os iniciados organizavam a vida do dia a dia a partir das decisões dos deuses. É um estado doentio que, atualmente, a partir do púlpito nada se diz sobre a necessidade de estruturar a vida econômica. Tenho descrito com frequência que essa situação é parecida com a da pessoa que diz ao aquecedor: “aquecedor, você está aqui no quarto. Assim como aqui outros objetos têm deveres, você tem a obrigação sagrada de aquecer o ambiente. Portanto, cumpra essa obrigação sagrada e esquente o quarto”. Os senhores podem predicar dessa maneira tanto quanto quiserem, mas o aquecedor não vai esquentar o quarto. Não é preciso predicar para esquentar o quarto, mas colocar carvão ou lenha nele e acender o fogo. Podem deixar de lado todos os sermões que mostram, em nome da eterna santidade, o que as pessoas devem fazer. Podem deixar de lado esse conteúdo dos sermões, mas não podem deixar de lado o conhecimento real do que hoje é o organismo social. Quem quiser educar o povo deveria ter a obrigação de construir as pontes da prática para ligar o espiritual que vive e entretece o mundo com o que acontece na vida diária. Deus, o divino, vive não somente naquilo que as pessoas sonham nas nuvens, mas também nos mais mezinhos elementos do dia a dia. O divino vive na medida em que os senhores pegam o saleiro da mesa, levam a colher à boca, e compram algo dos seus semelhantes. Quem acreditar que deve separar a matéria grosseira, concreta, por ser inferior, do divino-espiritual, por ser sagrado, contradiz assim o conteúdo mais íntimo de uma verdadeira percepção do mundo: o do impulso do mais elevado, do sagrado, estar nos mais mezinhos eventos da vida do ser humano.

4 GA 326 Conferência de 6 de fevereiro de 1919.

Assim, está caracterizado o que o desenvolvimento religioso tem deixado de cumprir no nosso tempo, que só prega para o aquecedor esquentar, mas ridiculariza aceitar o real, concreto, conhecimento espiritual. Falar claramente o que foi omitido por aqueles que se sentem chamados a liderar a vida espiritual já seria uma reorientação fundamental para o que deve acontecer.

Como se fala atualmente com frequência sobre a salvação, a graça, sobre o conteúdo da fé? Fala-se de uma maneira cômoda para as pessoas mais ou menos assim: lá estão elas com seus sentimentos humanos. Certa vez, Cristo morreu no Gólgota e ressuscitou, o que os teólogos mais avançados não mais acreditam. Ele faz tudo, os seres humanos só precisam acreditar nele. É isso que muitos acreditam e consideram um incômodo na vida quando alguém pensa diferente. Mas é preciso aprender a pensar diferente. Justamente nesta área da vida deve acontecer uma transformação radical. Pode-se dizer: “Hoje ressoa de novo a advertência de Cristo ou a do João Batista: Mudem vossos sentidos, porque está chegando a época da crise”.⁵ As pessoas se acostumaram a esperar que o espiritual se ocupa delas, que os predicadores afirmem que existe um mundo espiritual pouco caracterizado. Elas não querem se esforçar em pensar para saber do mundo espiritual, mas querem apenas acreditar nele. O tempo em que isso era permitido chegou ao fim! Tem que começar o tempo em que as pessoas devem saber que, no lugar de só pensar, inclusive sobre o espiritual, elas devem admitir os poderes divino-espirituais nos seus pensamentos, no seus sentimentos. O mundo espiritual deve morar em mim, mesmo meus pensamentos devem ser de natureza divina. Devo dar a Deus a oportunidade de se expressar através de mim. Então, a vida espiritual deixará de ser apenas ideologia. É um grande pecado que, nos tempos atuais, a vida espiritual foi degradada a uma ideologia. Hoje, não é somente a visão de mundo proletária socialista que é ideologia, a Teologia também foi ideologizada. Os seres humanos devem se curar dessa ideologia. O mundo espiritual deve ser uma realidade para eles. Devem também saber que o mundo espiritual vive como algo real num membro da organização social, assim como a herança da vida pré-natal, e que o espiritual é preparado enquanto, aparentemente, vivemos mergulhados na vida econômica. Quando nós realmente vivemos uma economia fraternal, então é gestado aí, como compensação por essa mergulho, aquilo que deve reentrar no mundo espiritual através da morte.

Deve voltar a existir a possibilidade de observar realmente a vida. Quem professa a Ciência Espiritual antroposófica coloca-se corretamente na vida, ao ter consciência de que poderá aprofundar aquilo que acontecerá com a humanidade, porque a Antroposofia não é uma ciência que se desenvolve, mas que penetra no ser humano, o transforma de tal forma que se sente um membro digno para participar do que deve começar no presente e que será a salvação da humanidade no futuro.

Com isso, mostra-se o que é necessário para a humanidade, mas também o que ela deixou de fazer. Somente quando as pessoas tiverem a coragem e o desassombro de sentir íntimamente o que foi omitido, e o que deve ser realizado, será possível levar a cabo algo sadio no presente e no futuro próximo. É por isso que tentei novamente apresentar aos senhores, além do que pode ser dito publicamente, a visão da Ciência Espiritual antroposófica, de onde pode se acrescentar o que vem da vida imortal, supra-sensorial, do ser humano desencarnado e se manifesta na vida da Terra.

O organismo social conta com um único membro completamente terrenal, aquele que se liga à organização jurídica exterior. Os outros dois membros se confundem com o supra-sensorial em duas direções diferentes. De um lado, recebemos a vida espiritual como vida espiritual na Terra que podemos vivê-la, digamos assim, em abundância, por vir da vida espiritual pré-natal. Por outro lado, como seres humanos físicos ligados à animalidade da Terra devemos mergulhar na mera vida econômica. Só que, por não sermos meros seres físicos, mas devido a que as próximas vidas na Terra e no mundo supra-sensorial são preparadas nesse corpo, prepara-se também na vida econômica aquela parte de nós que conduz à humanidade e que aqui ainda não é totalmente humana: o ser humano que deve participar da vida econômica. Nós temos algo parecido a um ser

⁵ Mateus 4:17. Nota do tradutor: essa é uma versão da Bíblia em alemão, citada por Rudolf Steiner. As diversas Bíblias em português expressam aproximadamente o seguinte: “Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo”.

humano superior, na medida em que podemos participar das relações sociais que entretecem a vida espiritual na Terra. Temos algo de um simples ser humano por sermos cidadãos de um Estado. Temos algo que nos obriga a mergulhar abaixo desses níveis, mas que ao mesmo tempo o mundo espiritual nos compensa, na medida em que nessa vida econômica já se forma o que nos levará novamente ao supra-sensorial.

Aliás, a realidade não é cômoda assim, superficial assim, como algumas pessoas gostariam que fosse. Por outro lado, ela mostra como a vida do ser humano atravessa as mais variadas fases, e como a realidade integra cada fase com novos elementos, novos impulsos, nessa existência humana, que só podem acontecer em determinadas áreas. Vemos assim como os laços da vida entre o nascimento e a morte se entrelaçam com os laços que puxamos enquanto vivemos entre a morte e o novo nascimento. E tudo se encaixa com grande lógica na vida integral do ser humano. Aquilo que vai acontecendo aqui na vida da Terra de indivíduo para indivíduo, a dor e a alegria que causamos a uma pessoa, a riqueza ou pobreza que levamos aos seus pensamentos, tudo isso prepara o nosso carma, os fios do destino da nossa vida, na próxima existência na Terra.

Devemos distinguir disso aquilo que precisamos para preparar a vida supra-sensorial, que começamos imediatamente após a morte. Aqui na Terra somos levados a participar de determinadas comunidades sociais. Depois, devemos ser retirados delas. Para que não fiquemos nas comunidades sociais em que vivemos aqui na Terra e possamos ser acolhidos em novas relações numa próxima vida, surge durante a mera vida econômica algo que nos conduz pelo limiar da morte até o mundo espiritual. É assim que os laços cármicos se entretecem logicamente com os laços que nos levam à vida geral dos mundos.

Aquilo que a Ciência Espiritual antroposófica interliga entre o supra-sensorial e o físico-material para enriquecer a trimembração do organismo social parece aprofundar essencialmente o que deve ser o conteúdo exotérico desse organismo. Com certeza, o ser humano que se mantém fora tem dificuldade em entender isso, e não há como ajudá-lo atualmente. Mas quem participa do movimento antroposófico deve ligar sempre o que se baseia no mundo físico com o que recebemos da esfera na qual ingressamos após a morte, da qual viemos através do nascimento, na qual buscamos aqueles que partiram da Terra antes de nós e com os quais mantemos determinadas relações. A mais bela conquista humana desse aprofundamento antroposófico virá quando as pessoas aprenderem a descobrir os dois grandes mistérios da vida na Terra, o nascimento e a morte, e criarem pontes entre o sensorial e o supra-sensorial, entre o chamado vivo e o pretense morto, de tal forma que o morto possa ser como um vivo entre nós e do vivo possamos dizer o seguinte: a vida que, antes do nascimento, no supra-sensível, foi nossa, e também será após a morte, nada mais é do que uma outra forma de existência. Na medida em que vivemos no supra-sensorial, a vida no sensorial é morta, assim como o sensorial também é morto. As coisas no mundo são relativas entre si. Somente quando enxergamos os dois lados de cada realidade é que penetramos mesmo na realidade.

É isso o que queria dizer agora aos senhores a título de adendo esotérico, que deve ser urgentemente público, e nisso deveriam participar prioritamente as pessoas próximas ao movimento antroposófico.

Rudolf Steiner acrescentou o seguinte a uma pergunta formulada por uma pessoa do auditório e que não foi anotada:

As coisas são de tal forma que realmente pode-se dizer que essa visão do organismo social é uma base firme. E aí só é preciso pesquisar como ela se realiza na vida.

Os senhores que conhecem o teorema de Pitágoras não se perguntam como poderiam justificar isso em todos seus aspectos. Os senhores sabem que ela é correta em todos seus usos, assim como sabem que três vezes dez são trinta, independente de onde essa operação aritmética é aplicada. Não precisa ser justificada. Os senhores mesmo devem entender essas coisas. Os senhores também compreenderão que essa visão da vida social parte de uma determinada base, que prova ser

certa e o que vem depois é perfeitamente incluída nessa base. O sistema tributário, o sistema de propriedade, tudo se integra como consequência. Tudo resulta do organismo social vivo, quando a pessoa o entende. Assim também resultará que as pessoas não terão dúvidas em enviar seus filhos à escola livre. Ao contrário, elas vão querer enviá-los, porque terão interesse nisso.

Voltando à área onde deve ser desenvolvido o interesse mútuo entre os seres humanos, é necessário desenvolver a capacidade de julgar na vida jurídica, pois quem não tiver essa capacidade não chegaria a ser escolhido para integrar o grêmio de representantes do segundo membro do organismo social. O que deve ser naturalmente testado é esse interesse pelo outro, essa relação entre um ser humano e outro, essa presença consciente na vida, isso se manterá por si mesmo no organismo livre, que será sadio.

* GA 193 O aspecto interior do enigma social. Passado luciférico e futuro arimânico, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 1983.

**Quadro sinóptico
de
A questão social é um problema de toda a humanidade
(elaborado pelo tradutor)**

Membro	Natureza	Campo de ação e de encontro
<u>Vida espiritual na terra</u>	Pré-natal, cármica	Na Terra; na família.
	Pós-morte, não-cármica	Grandes contextos terrenos (religiosos, étnicos, nacionais, linguísticos, etc.).
<u>Vida jurídica</u>	Humana, entre seres humanos.	Próxima vida na Terra; natureza cármica.
<u>Vida econômica</u>	Subhumana, ser humano em contato com outros três níveis da vida na Terra (x)	Próxima vida na Terra; natureza não-cármica; natureza subhumana na Terra torna-se humana na segunda parte da vida pós morte, graças ao agir de hierarquias espirituais elevadas. A fraternidade de caráter atávico de uma vida prepara a ação consciente numa próxima existência.

(x) Não fica claro se inclui também a natureza inferior (eletricidade, átomo, meios digitais, etc.).